



NAMORO E VIOLÊNCIA: A COMPREENSÃO DOS JOVENS SOBRE ESSE FENÔMENO.

Fernanda S. Nascimento-Gomes¹
Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro²

Introdução

Nos últimos tempos, parece que o Brasil descobriu que namoro, violência e juventude se entrecruzam na dinâmica de diferentes casais de namorados, uma vez que notícias sobre violências cometidas por ex-namorados ou namorados têm sido amplamente exploradas na mídia impressa e televisiva. Nesses espaços, profissionais de diferentes áreas disciplinares são convidados a analisar os casos e propor soluções para uma população que parece surpresa com a existência desse tipo de fenômeno.

No Brasil o debate sobre a violência de gênero tem enfatizado a violência conjugal (SAFFIOTI, 2004; GREGORI, 1993). Embora um dos marcos da luta feminista no enfrentamento da violência contra a mulher tenha sido o assassinato de Ângela Diniz cometido por Doca Street, seu namorado na época do crime, o fenômeno da violência entre namorados ficou a margem dos estudos realizados. Essa afirmação pode ser comprovada em levantamento realizado no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES, 2007), no período compreendido entre 1987 e 2007, no qual constatou-se a inexistência de pesquisas com esse recorte, em âmbito nacional, seja em dissertações de mestrado ou em teses de doutorado.

Porém nos últimos anos, vemos uma ampliação das discussões do fenômeno da violência na relação, existindo uma abertura para o estudo deste fenômeno da violência no namoro. Seguindo esta tendência temos a primeira pesquisa nacional que trata diretamente do tema intitulada “Vivência de violência nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes”, realizada através da parceria entre Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli - Claves, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca - Ensp e Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz (ENSP, 2009). No estado de Pernambuco também encontramos duas pesquisas com este enfoque realizadas em Pós-Graduações, a primeira no Mestrado em Psicologia intitulada “Namoro e

¹ Mestre em Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UFPE, Profª. Substituta da UFPE (fsardelich@gmail.com).

² Professora do programa de Pós-graduação em Psicologia, do Departamento de Psicologia, do programa de Pós-graduação em Serviço Social e da graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.



violência: um estudo sobre amor, namoro e violência para jovens de grupos populares e camadas médias.” e “Violência no namoro entre adolescentes da cidade do Recife: Em busca de sentidos.” realizada no Mestrado de Saúde Pública (NASCIMENTO, 2009; CASTRO, 2009).

Neste artigo iremos focar uma das dimensões da violência, a que ocorre no âmbito das relações amorosas de jovens casais de namorados de grupos populares e camadas médias. O argumento defendido neste artigo toma como base os estudos realizados por Maria Filomena Gregori (1993), que defende que a violência não é do namorado ou da namorada, mas sim da relação, para a qual apresenta significados.

Inspiradas na Convenção de Belém do Pará de junho de 1994, a violência no namoro é entendida como qualquer ação ou ato, seja de natureza física, psicológica, verbal, moral ou mesmo de natureza simbólica, que cause morte, dano ou sofrimento ao outro.

Os estudos sobre namoro e violência

Sônia Caridade e Carla Machado (2006) propõem uma revisão da literatura sobre o tema da violência no contexto do namoro. As autoras apontam que embora exista uma carência e marginalização dos estudos voltados para este tipo de relação, recentemente, observa-se uma abertura nos estudos voltados para o fenômeno da violência contra a mulher, no panorama internacional, englobando outros grupos específicos, entre eles a violência entre os jovens casais de namorados, conhecidos como “dating violence” ou “courtship violence”, nos Estados Unidos e na Europa e na América Latina (México), conhecidos como “violencia en el noviazgo”.

Nos estudos da violência entre namorados pode-se afirmar que existem pelo menos três posicionamentos diferentes: O primeiro defende a existência de simetria na violência entre namorados, que, numa perspectiva mais generalista, alude que no casal a violência pode ser exercida tanto pelo homem quanto pela mulher, igualmente, embora com diferentes dinâmicas, frequências, objetivos e consequências. Para os(as) autores(as) que defendem esse posicionamento, a probabilidade de haver violência aumenta, à medida que existe o desejo de dominação, que é exercido independentemente de o parceiro dominante ser homem ou mulher. No tocante aos agravos, sejam eles de natureza psicológica, física, financeira ou emocional, há consenso que os danos causados são mais significativos para as mulheres do que para os homens. (KERMAN & POWERS, 2006; MEDEIROS & STRAUS, 2006; STRAUS, 2004).

O segundo posicionamento procura compreender os fatores que invisibilizam tal violência e fazem com que os jovens mantenham relacionamentos em que ela está presente. Dentre esses



pesquisadores, ressaltamos as psicólogas portuguesas Carla Machado e Sónia Caridade. Para essas autoras, o ciúme desempenha papel de demonstração de amor, mesmo de forma confusa, e de justificativa para a violência. Isso posto, a violência seria encarada de maneira divergente para os homens e para as mulheres. Enquanto, para elas, a violência aparece como forma de intimidação, para os rapazes, ela surge em resposta às “provocações” femininas (CARIDADE; MACHADO, 2006; MÉNDEZ; HERNÁNDEZ, 2001).

O terceiro posicionamento defende que a violência é fruto da assimetria das relações de gênero. Essa corrente, segundo Matos (2006), procura compreender os fatores que sustentam a violência nas relações sociais e advoga que, nas relações violentas, não há simetrias, elas são assimétricas. Essa perspectiva tem como referência o feminismo que afirma a influência dos processos históricos, culturais, políticos e ideológicos para a estagnação e o fortalecimento da ordem patriarcal, em nível social e familiar. A construção da identidade de gênero é compreendida como fator que reforça desigualdades e hierarquias nas relações íntimas.

Guita Debert e Gregori (2008) analisam os deslocamentos semânticos nos usos da noção de violência ao longo dos anos (de violência contra a mulher, para conjugal, doméstica, familiar, até a noção de violência de gênero) os quais possibilitaram abranger e compreender diferentes dimensões envolvidas no fenômeno da violência nas relações. O uso da noção de violência de gênero nos estudos das relações de violência é trazido pelas feministas que lutavam contra as idéias essencialistas e a crença de que a mulher ocupava o lugar de vítima passiva da dominação (dos homens, da indústria da beleza, do sistema de justiça, da mídia e do outras instâncias sociais).

As autoras destacam que embora seja necessário ter atenção para não cair nas armadilhas das polarizações (mulher vítima/objeto para mulher empoderada) e dicotomias (mulheres vítimas e homens como algozes), examinar as articulações entre violência e gênero permite um avanço nas análises “sobre as dinâmicas que configuram posições, negociações e abusos de poder nas relações sociais, constituindo um campo vigoroso para desafiar as dificuldades sugeridas” (DEBERT; GREGORI, 2008, p. 176).

Debert e Gregori (2008) tomam como base, para a compreensão de gênero, os estudos desenvolvidos por pós-estruturalistas como Judith Butler, que considera que os saberes são localizados, e que há coalizões entre esses saberes. As autoras partem da idéia de que não há uma matriz identitária natural, essencial, há apenas coalizões, afinidades entre diferentes marcadores de diferença e desigualdade. Para as autoras gênero é compreendido como um “conjunto de dispositivos que cria desigualdade de poder e, simultaneamente, está aberto a transformações. (...) é



uma prática da improvisação em um cenário de constrangimentos” (p. 177). Compreender a violência de gênero permite uma expansão da noção de violência em direção aos aspectos que constituem as práticas sociais, que não se fixa no marcador de gênero apenas, mas considera outros marcadores de diferenças e desigualdades como classe, raça, etnia, idade, etc., que atuam inter-relacionados com gênero.

Este artigo é um recorte da pesquisa realizada no Mestrado em Psicologia, no qual iremos analisar apenas dois aspectos da violência no namoro: 1) as normas, proibições e permissões que o casal estabelece, as quais intitulamos “manual do namoro”; 2) os usos da violência entre os namorados. Na pesquisa, 22 jovens moradores da cidade de Recife, foram entrevistados no período de janeiro a abril de 2008. Os jovens entrevistados foram divididos em dois grupos de onze jovens, composto por sete mulheres e quatro homens cada, e denominados: grupos populares (GP) e camadas médias (CM). Dentre os critérios para essa divisão, estão, como principal, o de localização da residência e, junto a esse critério, a escolaridade, o número de pessoas que residiam na moradia e a renda do grupo familiar. Essas entrevistas foram gravadas com autorização dos jovens entrevistados e posteriormente transcritas para análise. Os nomes que aparecem na análise são fictícios.

Manual do namoro: normas, proibições e permissões

Na análise das entrevistas, percebemos que os casais de namorados estabelecem um conjunto de preceitos que orienta a conduta dos namorados. Poderíamos dizer que é uma espécie de “manual do namoro”, que diz o que é permitido ou proibido na relação amorosa. Nele constam, por exemplo, as saídas permitidas (apenas com os amigos ou juntos e com os amigos), os horários e dias para o casal se encontrar, a forma como as brigas devem ser resolvidas, a existência ou não de relação sexual e as condutas que ambos devem ter na relação. Essas normas são vivenciadas dentro de um jogo de tensão, pressão e conflito, cuja quebra é, em muitos momentos, motivo de brigas entre o casal.

Sair de casa com ou sem parceiro para atividades de lazer e diversão também é passível de regras. Nas relações em que há confiança, existe liberdade para que o namorado ou a namorada saia só com os amigos. Porém, quando existe desconfiança, ciúme e desejo de controle do outro, essas saídas tornam-se mais restritas ao casal ou ao casal com os amigos, mas cada um nunca sai sozinho.

Pesquisadora: Existem coisas (...) permitidas e proibidas na relação?

Adriana (CM): (...) não declaradamente. (...) a gente assim tem assim praticamente um código dentro da nossa cabeça, (...) pensa muito igual. (...) Não é que eu proíba, mas eu não gosto que ele vá pra barzinho só com



amigos. Ele também não gosta que eu vá pra barzinho só com as amigas. Então a gente não vai. (...) Mas a gente se conhece tanto, que a gente procura fazer de que forma... eu sei o que ele gostaria que eu fizesse, assim como ele pensa da mesma forma (...) A gente sempre costuma sair junto e as pessoas que se adaptam.

Esse depoimento aponta que algumas normas não precisam nem mesmo ser explicitadas verbalmente. Há um acordo tácito e cada um sabe o limite que deve se impor e impor ao outro, para que a relação se mantenha dentro de o que é prescrito.

Dentre as normas acordadas pelo casal, existem aquelas que não podem ser flexibilizadas no namoro e cuja quebra causaria o fim do relacionamento. A traição aparece como principal motivo que levaria ao término do relacionamento, caso acontecesse, para dezessete dos(as) jovens entrevistados(as). Além da traição, a mentira não é aceita, pois leva à quebra de confiança, que é indispensável na relação,

O “manual do namoro” não só tem o papel de balizar a relação, como é uma forma de controle estabelecido por meio de embates, ameaças de término da relação, declaradamente ou não, tensões, pressões, submissão e resistência. Para garantir o cumprimento das normas, os jovens também limitam seus próprios comportamentos, pois assim o outro terá de fazer o mesmo sacrifício ao qual submete o(a) parceiro(a).

Os usos da violência no namoro

Dentre os jovens entrevistados, apenas dois consideram que a violência circunscreve-se unicamente ao âmbito físico. Possivelmente, essa definição de violência como sendo apenas física seja o motivo pelo qual tanto Emílio (CM) quanto Fábio (GP) não reconhecem como violência os xingamentos, as ameaças de terminar o namoro, o ato de impedir a namorada de fazer algo de que ela gosta ou mesmo os tapas “de leve” dados pela namorada, num momento de raiva.

Os outros entrevistados acreditam que na violência inclui-se também a verbal, a moral e a psicológica. Alguns dos(as) jovens destacam que a violência ultrapassa essa tipologia apresentada pela literatura e afirmam que seria violência qualquer ato que invada o limite do outro. Nesse caso, a violência seria, na concepção desses jovens, qualquer transgressão ao espaço do outro, entendendo-se esse espaço não só em seu aspecto físico, corpóreo, mas como aquele inerente a sua subjetividade, seus desejos e ideais.

Augusto (GP): Violência no relacionamento? (...) Passar de um certo limite não cabível (...) querer ultrapassar o limite do outro sem permissão de ambas as partes. (...) acredito que seja também uma falta de respeito um com o outro (...).

Célia (GP): (...) É você magoar alguém de alguma forma. Você faz ela se sentir mal (...). Eu não entendo assim só (...) física.



Há, nas falas dos(as) jovens, a idéia de que, em muitos momentos, as palavras utilizadas têm o poder de ferir mais do que qualquer outro tipo de violência física. Nesse sentido, a palavra aparece, nas falas, como ação, como palavras com a ação de ferir.

Porém, mesmo compreendendo a violência para além do aspecto físico, uma jovem de camada média considera que, em seu namoro – que no momento da entrevista tinha terminado havia dois dias – existia violência. Além dessa jovem, um jovem e uma jovem de camadas médias reconhecem ter vivido a violência em namoros anteriores, mas destacam que só conseguiram percebê-la após o término da relação. Aparentemente, é difícil reconhecer a violência na atual relação.

Rodrigo (CM) considera que seu desejo de agradar aos outros foi o principal motivo para que a violência acontecesse nas relações anteriores, pois se obrigava a fazer aquilo que não queria, levava adiante a relação, mesmo insatisfeito com ela, e para evitar a frustração de ver seu namoro fracassar tentava, dentre outras coisas, “comprar” a felicidade.

Ele considera que, na relação atual, não há violência, porém, em sua fala, evidenciam-se situações nas quais ele demonstra o desejo de ter sua namorada apenas para ele e dificuldade de dividi-la com o trabalho ou com a mãe dela. Há situações que indicam controle, nas quais ele procura subterfúgios para estar constantemente presente nos pensamentos da namorada, como, por exemplo, dar uma roseirinha que ela tem de regar, pois, se não o fizer, será a comprovação de que não pensa nele, porque, se pensasse, a regaria.

A crença de que o ciúme é demonstração de afeto é presente na fala de mulheres e homens de ambos os grupos. Evandro (GP) acredita que o amor é permeado de ciúme, porque, se não existir ciúme, não há amor.

Evandro (GP): (...) Pronto, tem o ciúmes também, que às vezes é até demais. Eu sei que é gostar até demais, mas isso não é amar, não. (...)

Pesquisadora: Amar não é ter ciúmes?

Evandro: É. Não, amar tem que ter ciúmes, mas não tanto.

Pesquisadora: Você tem ciúme quando namora, quando você gosta?

Evandro: Tenho. Tem que ter, se não tem não é amar.

Pesquisadora: Você acha que //ciúme faz parte?//

Evandro: //Ciúmes faz parte do amor, mas nem tanto// (...).

As jovens interpretam os ciúmes do namorado de diferentes formas. Para algumas jovens, esse cerceamento é compreendido como cuidado e expressão de amor e atenção, como se evidencia na fala de Carla (GP):

Carla (GP): (...) Pega muito no celular (...) começa a olhar (...) as chamadas, e sempre procura saber onde é que eu tô, porque que eu fui com quem (...).

Pesquisadora: E pra você como é que é isso assim?



Carla: Eu acho bom, porque ele me dá atenção. E eu não sou acostumada assim a uma pessoa me dar tanta atenção, e eu acho lindo.

Entretanto, embora Carla considere o ciúme do namorado um cuidado, algo “lindo”, há tensões nessa relação de controle e desconfiança por parte do namorado. Em outros momentos da entrevista, essas tensões ficam mais claras, quando ela diz sentir-se sufocada diante das desconfianças do namorado, tendo de encontrar formas de resistir a esse controle, saindo escondido com as amigas, por exemplo.

Outras jovens do mesmo grupo compreendem o ciúme como algo prejudicial à relação e que não deve fazer parte dela. Assim, as tentativas dos namorados de cerceá-las em seu convívio com outras pessoas são discutidas na relação, a fim de minimizar esse comportamento controlador, causado pelo ciúme.

Diante do controle exercido pelo namorado por causa do ciúme, surgem resistências por parte das namoradas, que utilizam saídas como mentir, sair escondido e dissimular comportamentos na presença do namorado, Bruna (GP), por exemplo, acredita que as proibições, os conselhos e as reclamações do namorado a levam a um aprendizado, já que ela é “muito danada”. Ao mesmo tempo em que apresenta essa submissão, ela resiste ao controle dele, usando de estratégias como mentir, sair antes que ele chegue a sua casa e declarar que aceita todas as suas exigências, quando brigam, para garantir a continuidade do namoro, mesmo que depois não as cumpra.

Múltiplas questões facilitam – ou não – o reconhecimento da violência na relação. Dentre essas questões, destacamos: 1) restringir a violência apenas ao âmbito físico, nesse caso, xingamentos, cerceamento do outro, ameaças de término, por exemplo, não constituiriam violência; 2) compreender a violência como demonstração de amor e cuidado – por exemplo, controlar aquilo que o outro faz e não permitir que ele tenha convívio com outras pessoas; 3) criar uma realidade, a qual Costa (1998) denomina realidade amorosa, que é a realidade vivida pelos apaixonados e que propicia que um encontre no outro aquilo que deseja, independentemente do mundo a sua volta. Para o autor, os apaixonados não desconhecem a realidade, mas criam outra, a realidade amorosa, que para eles é tão real quanto qualquer outra.

Maria (CM), ao falar de seu namoro anterior que, segundo ela, era violento, aponta para essa não-percepção da violência durante a relação, justificada pelo sentimento existente.

Maria (CM): (...) uma pessoa não muito legal que eu me apaixonei e, quando você está nesse estado, você não percebe, só depois (...) me proibia que eu saísse com meus amigos, me afastava das coisas que eu queria fazer, me colocava contra as pessoas da minha família (...).



Considerações finais

A articulação entre violência e gênero permitiu olhar para este fenômeno na relação de namoro de forma a compreender que não há polarizações, ou lugares fixos dicotômicos e essencializados nos quais a mulher ocupa o lugar de submissão, de vítima e o homem de dominador e algoz. Essa articulação permitiu compreender as diferentes posições, negociações, envolvidas na dinâmica da violência no namoro, e o conjunto de dispositivos que criam “desigualdade de poder” e uma “prática da improvisação em um cenário de constrangimentos” (DEBERT; GREGORI, 2008, p. 177).

Os(as) entrevistados(as) da pesquisa mostram uma compreensão abrangente da violência – com exceção de dois jovens que a compreendem apenas como física –, posto que a circunscrevem no âmbito físico, psicológico, sexual, ideológico, moral e verbal. Contudo, embora apresentem essa concepção abrangente, aparentemente, é como se a violência no namoro estivesse em outro plano, totalmente distanciado da relação deles. Assim, não reconhecem como violências proibições em relação a: sair de casa para atividades de lazer e diversão; ter amizade com pessoas do sexo oposto; usar certas roupas. Eles também não reconhecem como tal as ligações feitas só para saber onde os(as) namorados(as) estão, olhar no celular para verificar as últimas mensagens e chamadas realizadas e recebidas e a troca de xingamentos e tapas (que é encarada como brincadeira).

Entre os fatores que invisibilizam a violência na relação destacamos: 1) a concepção amorosa dos jovens; 2) a compreensão de alguns desses jovens de que a violência é restrita apenas ao âmbito físico; 3) a compreensão sobre as normas presentes no namoro.

Por fim, consideramos que é fundamental o investimento em prevenção e na criação de instrumentos que permitam aos jovens reconhecer, enfrentar e opor-se as diferentes formas de violência.

Bibliografia

CASTRO, Ricardo José de Souza Castro. *Violência no namoro entre adolescentes da cidade do Recife: Em busca de sentidos*. Dissertação (mestrado em Saúde Pública) - Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2009.

CARIDADE, Sônia; MACHADO, Carla. *Violência na intimidade juvenil: da vitimação a perpetração*. *Análise Psicológica*, v.24, n.4, p.485-493, out. 2006.

COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.



CONVENÇÃO DE BELÉM DO PARÁ (1994, 9 de junho). *Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher*. Disponível em: <http://www.cidh.org/Basicos/Portugues/m.Belem.do.Para.htm> Acesso em: 03 de mar. de 2010.

DEBERT, Guita; GREGORI, Maria Filomena. *Violência e gênero: novas propostas, velhos dilemas*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v.23, n.66, fevereiro, 2008, p.165-211. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v23n66/11.pdf>>. Acesso em: 10 de jan. de 2010.

ENSP. Pesquisa investiga formas de violência entre casais de adolescentes. Pesquisa Informe Ensp – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, 2009. Disponível em: <<http://www.ensp.fiocruz.br/portal-ensp/informe/materia/index.php?matid=16022b>> Acesso em: 19 fev. de 2010.

GREGORI, Maria Filomena. *Cenas e queixas: mulheres e relações violentas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

KERMAN, Erica; POWERS, Jane. *Teen dating violence*. Research facts and findings. Act for Youth Upstate Center of Excellence, New York, 2006. Disponível em: <<http://www.actforyouth.net/documents/Febo6.pdf>> Acesso em: 19 ago. de 2007.

MATOS, Marlene A. V. *Violência nas relações de intimidade: estudos sobre a mudança psicoterapêutica na mulher*. Tese (Doutorado em Psicologia da Justiça). Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2006.

MEDEIROS, R. A.; STRAUS, M. A. Risk factors for physical violence between dating partners: implications for gender-inclusive prevention and treatment of family violence. In: HAMEL, J.; NICHOLLS, T. (Eds.). *Family approaches in domestic violence: a practitioner's guide to gender-inclusive research and treatment*. Springer, 2006. p. 59-85.

MÉNDEZ, Rosaura G.; HERNÁNDEZ, Juana D.S. *Violencia en parejas jóvenes: análisis y prevención*. Madrid: Pirámide, 2001.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004 – (Coleção Brasil Urgente).

STRAUS, Murray. A. Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. *Violence Against Women*, v. 10, n. 7, p. 790-811, 2004.